

La Comédiathèque



FORA de JOGO

Jean-Pierre Martinez



comediathèque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor: <https://comediathèque.net>**

Fora de Jogo

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Cinco pessoas que não se conhecem e que não têm nada em comum acordam presas num local desconhecido. Quem as trouxe ali e por quê? A chegada dos dois sequestradores traz mais perguntas do que respostas... Deixando de lado as suas diferenças, os reféns são obrigados a priorizar o colectivo para esperar chegar ao prolongamento. Tudo isso enquanto evitam cuidadosamente o fora de jogo...

Personagens

Dani: humorista desempregado (homem ou mulher)

Pat: chef (homem)

Alex: vereador/a ecologista (género ambíguo)

Carla: prostituta (eventualmente travesti)

Beatriz: freira

Alpha: extraterrestre (masculino)

Omega: extraterrestre (feminino)

7 personagens

Distribuições possíveis:

2H/5M, 3H/4M, 4H/3M, 5H/2M

© La Comédiathèque

Pat (homem), Dani (homem ou mulher, aqui uma mulher) e Alex (mulher vaidosa) estão desmaiados e inconscientes em três poltronas de estilo futurista no fundo do palco. Dani (que trataremos aqui como mulher, tentando que seja pouco atraente) acorda primeiro e começa a mexer-se. Levanta-se esfregando os olhos, depois olha à sua volta, parecendo não entender o que está a fazer ali. Levanta-se, recuperando gradualmente a consciência. Pode-se supor que está de ressaca. Está vestida com um estilo moderno e descontraído. Dá alguns passos cambaleantes. À medida que recupera a lucidez e o seu andar se torna mais seguro, parece ainda mais surpreendida por estar ali. Então vê os dois corpos desmaiados nas outras duas poltronas. Nova surpresa, desta vez tingida de certa inquietação. Percorre a sala à procura de uma saída, sem sucesso. Enquanto está de costas, Pat acorda e levanta-se, no mesmo estado que Dani ao acordar. Pat é do tipo macho e bruto, e está vestido de forma muito clássica. Dani vira-se, vê Pat e sobressalta-se, aterrorizada.

Dani – Não se aproxime! Aviso, fiz caratê...

Pat também se surpreende ao vê-la, mas sem manifestar medo.

Pat – Quem é você?

Dani (*depois de uma dúvida*) – Não sei. Bem, quero dizer, sei quem sou, mas... Onde estamos?

Pat – Em qualquer caso, não estamos na minha casa. (*Olha à sua volta.*) Tem a certeza de que não estamos na sua casa?

Dani – Eu saberia, não é? E o que estaríamos a fazer os dois na minha casa?

Pat – Isso... pergunto-me, de facto...

Dani – E além disso, não estamos sozinhos.

Dani faz um gesto com a mão e Pat vê o terceiro corpo, desmaiado na última poltrona.

Pat – E a ele, conhece-o?

Dani aproxima-se e inclina-se cautelosamente para Alex.

Dani – Parece mais uma mulher, não?

Pat aproxima-se também.

Pat – Sim, pode ser...

Dani – Acha que está morta?

Pat continua a olhar à sua volta.

Pat – Quem?

Dani (*apontando para o corpo*) – Ela! Bem, ele...

Pat – Não sei, eu não sou legista...!

Dani – Então, o que fazemos?

Pat – Faça-lhe respiração boca a boca, vai ver. Se for a Bela Adormecida, talvez acorde.

Dani – E se for um homem...

Pat – Acho que se for um homem e lhe deres um beijo francês, também acordará.

Dani – Talvez nos drogaram...

O outro olha para ela com uma expressão perplexa.

Pat – Chega, eu vou embora...

Dirige-se para os bastidores.

Dani – Não há saída...

Pat – Já veremos. Não será a primeira vez que arrombo uma porta.

Dani – Acredito. Tem cara de quem arromba portas. Especialmente portas abertas...
(*Enquanto Pat olha para um lado e para o outro do palco*) O problema é que aqui... não há nenhuma porta.

Pat parece desconcertado.

Pat – Nenhuma porta? Mas como é possível...?

Verifica uma última vez, mas tem que aceitar.

Dani – Nem porta, nem janela.

Pat – Quem nos trouxe aqui, deve ter entrado por algum lado!

Dani – Acha que alguém nos trouxe aqui?

Pat – Lembra-se de ter vindo aqui sozinha?

Dani – Não...

Pat – Então, necessariamente alguém nos trouxe, é lógico.

Dani – Lógico... O que não é lógico é que estamos aqui os dois. Bem, os três...

Uma pausa.

Pat – Por que nos drogaram?

Dani – Não sei... Explicaria por que não lembramos de nada.

Pat – Ah, sim...?

Dani – Li algo sobre o GHB.

Pat – O GHB?

Dani – A droga dos violadores.

Pat – Parece que sabes muito sobre drogas... A droga de quem?

Dani – Uma droga que os violadores fazem tomar às suas vítimas. Numa discoteca, por exemplo, colocando-a num whisky com cola. Ficam muito dóceis, e depois não se lembram de nada. Não serás tu quem me drogou, pois não?

Pat – Mas estás louca! Eu nunca vou a discotecas, de qualquer forma. Estou casado, sabias? E por que não serias tu quem me drogou primeiro?

Dani – Mas o que estás a dizer? Por que faria isso?

Pat – Prefiro não saber...

Dani – Se te tivesse drogado, lembrar-me-ia.

Pat – A menos que também tenhas bebido.

Dani – Beber o quê?

Pat – A tua porcaria! O whisky com cola!

Dani – Acho que fomos drogados os dois.

Pat – Mas porquê a mim? Em geral, os violadores não se interessam por homens, não é? Pelo menos não por homens como eu...

Dani aponta para o terceiro corpo.

Dani – Ela também está aqui.

Pat – Nem sequer temos a certeza de que seja realmente uma mulher... Talvez devêssemos tentar acordá-la para perguntar.

Dani – Perguntar se é uma mulher?

Pat – Perguntar se sabe de alguma coisa!

Dani aproxima-se do corpo e sacode-o suavemente.

Dani – Ei, ouves-me?

Pat suspira, exasperado.

Pat – Deixa-me fazer isso... (*Sacode violentamente o corpo e grita.*) Ei, ouves-me?!

Alex acorda sobressaltada e levanta-se de um salto.

Alex – Não, não sou eu, juro!

Alex, que pode ser um homem afeminado ou uma mulher bastante masculina, está vestida com um fato de calças ao estilo executivo (homem ou mulher). A dúvida sobre o seu verdadeiro sexo persistirá, mas aqui tratamo-la como mulher. Está fisicamente acordada, mas inicialmente fala e age como uma sonâmbula.

Alex – Desculpem, devo ter tido um pesadelo... Não me liguem... Vou refrescar-me um pouco...

Percorre a sala, sem encontrar nenhuma porta.

Alex – Podiam dizer-me onde é a casa de banho?

Dani – A casa de banho dos homens ou a casa de banho das mulheres?

Alex olha para ele com uma expressão desconcertada.

Pat – Não há casa de banho.

Alex – Já vejo... Estamos numa companhia low cost... Acho que é melhor voltar a dormir... Acordam-me antes da aterragem?

Dani e Pat trocam um olhar intrigado. Ela prepara-se para voltar a sentar-se na sua poltrona.

Dani – Não estamos numa companhia low cost, garanto-te...

Alex olha-os com curiosidade.

Pat – E com toda a probabilidade, não estamos num avião.

Alex – Já vejo...

Parece começar a recuperar o sentido da realidade. Eventualmente pode colocar os seus óculos.

Alex – Então, também não são hospedeiras de bordo.

Pat – Exato...

Alex (*angustada*) – Mas, onde estamos?

Dani – Contávamos um pouco contigo para que nos dissesses.

Alex volta a percorrer a cena, tornando-se pouco a pouco histérica.

Pat – Deixa, não há saída.

Alex – Não há saída? E eu que sou claustrofóbica... (*Desaparece para um lado do palco e ouve-se bater numa parede enquanto grita.*) Deixem-me sair!

Pat levanta os olhos ao céu e fez um gesto para Dani para ir buscá-la. Dani voltou com Alex, a quem segurava pelo braço.

Dani – Vais ficar bem, acalma-te...

Alex – Desculpa, não sei o que me deu...

Dani – Portanto, tu também não sabes por que estamos aqui os três.

Alex – E vocês dois conhecem-se?

Pat – Não...

Dani – Já que estamos, é melhor apresentarmo-nos. Talvez isso nos ajude a descobrir por que fomos sequestrados...

Alex – Achas que fomos sequestrados?

Pat – Não viemos para este lugar por nossa própria vontade... e não podemos sair. Chama-lhe o que quiseres...

Dani – Chamo-me Dani... É de Daniel. E tu?

Alex – Alex.

Dani – E Alex é de...?

Alex – Só Alex.

Dani – Já vejo...

Alex – E tu?

Pat – Pat.

Dani – Talvez tenham decidido sequestrar pessoas com nomes diminutivos...

Alex – Quem?

Dani – Não sei... Eles... Os que nos trouxeram aqui. Alguém nos trouxe aqui, não?

Pat – Mas por que nos sequestrariam? Essa é a questão...

Dani – Talvez tenha algo a ver com o nosso trabalho.

Pat – O que fazes?

Dani – Sou... humorista.

Pat – Humorista?

Dani – Bem, por agora, estou principalmente desempregada...

Pat – Por que sequestrariam uma humorista desempregada?

Alex – E como humorista... zombava da religião?

Dani – Não, não especialmente.

Pat – Se fomos sequestrados por islamistas, definitivamente vamos precisar do teu sentido de humor...

Alex (*aterrorizada*) – Islamistas, achas?

Pat – Não, só disse isso... Foi uma piada...

Dani – E tu, o que fazes?

Pat – Sou chef.

Dani – Uau...

Alex – Como assim, chef?

Pat – Cozinheiro, se preferires. Tenho um restaurante.

Alex – Ah é? Terás de nos dar a morada.

Pat – Se sairmos daqui vivos...

Alex – Uma humorista e um cozinheiro... Não faz sentido.

Dani – E tu?

Alex – Sou vereador.

Dani – Vereador ou vereadora?

Alex – Ecologista, se queres saber tudo...

Pat – Uma palhaça desempregada e uma vereadora ecologista... Se eu não estivesse aqui, diria que querem livrar o país de todos os seus parasitas...

Alex – Bravo... É uma análise muito fina... Sinto que isso nos vai ajudar muito...

Dani – E tu achas-te indispensável para a sociedade, talvez? Eu não tenho dinheiro para ir a um restaurante, sabias? E imagino que o teu restaurante não é de caridade...

Pat – De qualquer forma, eu pago os meus impostos.

Alex – Tenho a impressão de que esta comédia vai acabar muito mal...

Dani – Uma comédia que acaba mal, eu chamo de drama.

Pat – Isso ainda não explica por que nos sequestraram.

Alex – Para pedir um resgate?

Dani – Um resgate?

Alex – Talvez seja simplesmente um sequestro por dinheiro.

Pat – Eu não sou milionário. Acabei de abrir o meu restaurante. Por agora, principalmente tenho dívidas.

Alex – E tu, artista, imagino que também não estás a nadar em dinheiro...

Dani – Pedir um resgate a um palhaço... É como pedir a um careca que te empreste o seu pente.

Pat – E tu, como te arranjas?

Alex – Não me queixo, mas...

Pat – De qualquer forma, isso não explica que nos tenham sequestrado aos três.

Dani – É verdade, não temos absolutamente nada em comum...

Pat – Não... isso... Não podíamos ser mais diferentes...

Pensam.

Alex – Bem, nada em comum... Todos somos franceses, pelo menos...

Dani – Franceses? Isso não é o que eu chamo ter algo em comum...

Alex – Não achas?

Dani – Quero dizer... toda a gente é francesa, não? Pelo menos... em França.

Pat – Se ao menos isso fosse verdade...

Dani – Já vejo, o senhor também não gosta de estrangeiros.

Pat – Só queria salientar que em França nem toda a gente é francesa.

Alex – É verdade que aqui não se pode negar que estamos entre franceses. Fomos sequestrados, talvez por terroristas que planeiam degolar-nos em direto perante uma câmara, e já estamos a discutir porque não concordamos sobre a questão da identidade nacional...

Dani – Tem razão, não temos nada em comum, mas se queremos ter uma oportunidade de sair daqui, temos de manter-nos unidos.

Alex – Mas agora que penso nisso, talvez seja por isso!

Pat – Por isso o quê?

Alex – Talvez nos tenham escolhido precisamente porque somos diferentes.

Dani – O que queres dizer com isso?

Alex – Não sei... Estou a tentar entender...

Pat – Bem, tudo isso é muito bonito, mas concretamente, o que fazemos?

Dani – O que queres que façamos?

Pat – Agora que penso nisso, podemos sempre telefonar!

Alex – Tens razão, temos de avisar a polícia.

Dani – Nem sequer sabemos onde estamos! O que vamos dizer-lhes?

Pat – Talvez possam localizar-nos.

Tira o seu telemóvel e marca um número.

Alex – O surpreendente é que não tenham pensado em tirar-nos os telemóveis.

Pat – Maldição... Sem rede...

Alex – Vou tentar...

Dani – Eu também...

Tiram os telemóveis e começam a marcar.

Alex – Não, nada...

Dani – Eu também não...

Pat – Percebo por que não se incomodaram em tirar-nos os telemóveis.

Alex – Onde poderíamos estar para não haver rede?

Olhando todos, inquietos.

Dani – No deserto, talvez.

Alex – Ou num porão...

Dani – Um abrigo antinuclear?

Os outros dois lançam-lhe um olhar de consternação.

Pat – De qualquer forma, não podemos comunicar com o exterior.

Alex – Então, o que podemos fazer?

Dani – Nada.

Alex – Só nos resta esperar.

Pat – Esperar?

Dani – Os que nos sequestraram querem algo, com certeza. No fim, vão manifestar-se.

Alex – E então tentaremos negociar...

Pat – Espera até que cheguem e vais ver a minha maneira de negociar...

Ouve-se um ruído estranho, um som futurista de série Z. Dani, Pat e Alex ficam imóveis, como petrificados. A cena escurece. Distinguem-se vagamente as silhuetas de uma mulher a arrastar o corpo de outra mulher inconsciente, acomodando-a numa das três poltronas, antes de desabar noutra. A luz volta. Em duas das poltronas, veem-se as duas mulheres inconscientes: Carla (com aspeto de prostituta, que também pode ser um travesti) e Beatriz (vestida de freira). Assim que a luz volta, Dani, Pat e Alex voltam a mexer-se como se nada tivesse acontecido, retomando a conversa onde a tinham deixado, sem notar imediatamente as recém-chegadas.

Alex – A violência nem sempre é a solução. Se queremos sair daqui vivos, seguramente precisamos de um pouco de diplomacia.

Pat – Diplomacia? Nem sequer sabemos quem nos sequestrou nem o que querem de nós!

Dani – De qualquer forma, espero que não demorem... Porque começo a ter fome, e vocês?

Alex – Como podes pensar em comer num momento destes?

Pat – Estamos sequestrados, e a única coisa que te preocupa é o serviço de quartos?

Dani – Bem, desculpa, mas não almocei. Se queres saber, às vezes salto uma refeição para poupar.

Pat – A vida de artista...

Alex – Bem, acalmemo-nos todos! Se sairmos deste sarilho, será juntos.

Pat – Muito bem. Se conseguirmos sair daqui antes desta noite, convido-vos a jantar no meu restaurante, prometo.

Alex – É verdade, por acaso, nem sabemos que horas são...

Pat (*olhando para o seu relógio*) – O meu relógio parou. Que horas tens tu?

Alex – O meu também... E tu?

Dani – Não uso relógio.

Pat – Claro...

Alex – Enfim, isto é absurdo... Deve haver uma saída em algum lugar.

Alex vira-se para procurar novamente e assusta-se ao ver os dois corpos inanimados nas poltronas.

Alex – O que é isto agora?

Dani – O quê?

Pat e Dani viram-se. Eles também veem os dois corpos.

Pat – Porra!

Alex – Isto é um pesadelo...

Pat – Mas como é que chegaram aqui assim? Vocês viram alguma coisa?

Dani – Não...

Pat – Também não ouvimos nada.

Alex – Acho que estão a acontecer coisas muito estranhas aqui.

Dani – Não me digas, a sério?

Pat aproxima-se dos corpos para examiná-los mais de perto.

Pat – São duas mulheres...

Dani e Alex também se aproximam.

Dani – Parece que uma está a usar uma burca.

Alex – Olha, isso é mais tranquilizador.

Dani – Achas?

Alex – Por que é que uns islamistas sequestrariam uma mulher que usa burca?

Dani – Não é uma burca...

Pat – Porra, é uma freira!

Alex – E a outra?

Pat – A outra não parece ser uma freira...

Dani – Isto é uma loucura...

Pat – Por que trouxeram estas duas mulheres para aqui?

Dani – Talvez queiram saber se seríamos capazes de nos reproduzir em cativeiro, como os grandes símios...

Alex – Com uma freira?

Nesse momento, a freira recupera a consciência.

Bea – Jesus, Maria, José... Onde estou?

Alex – Provavelmente não no paraíso, irmã. Pelo menos, não é essa a ideia que tenho dele...

Dani – E também não está calor suficiente para estarmos no inferno.

Bea – Talvez o purgatório, então...

Pat – Ah, sim? E quando estamos no purgatório, o que é suposto fazer?

Bea – Se estamos no purgatório... não há mais nada a fazer além de esperar.

Alex – Obrigado pela sua ajuda, irmã. De certeza que nos vai ser muito útil.

Pat – Sim, é a Providência que te envia...

Bea (*sem captar a ironia*) – De nada, por favor... Se eu puder ser de alguma ajuda nesta prova que Deus nos envia... Chamo-me Irmã Beatriz.

Dani – Prazer em conhecê-la, irmã...

Bea – Mas ainda não entendo como cheguei aqui...

Dani – Os caminhos do Senhor são inescrutáveis...

Bea – A última coisa que me lembro é da clínica.

Pat – Estavas hospitalizada?

Bea – Não, a clínica onde trabalho como enfermeira. Nossa Senhora do Bom Socorro...

Alex – Ah, sim...

Bea – Estava no ofício das matinas, na capela. Ouvia o sermão do nosso capelão. Deve ter acontecido um acidente... De certeza que foi isso. Estou morta e, como pobre pecadora que sou, Deus enviou-me ao purgatório.

Alex – Que acidente se pode ter a ouvir missa?

Dani – Especialmente um acidente mortal.

Pat – A menos que te engasgues com a hóstia... Aconteceu-me uma vez com um cliente no restaurante.

Dani – Talvez caiu do reclinatório... Esses troços são bastante altos...

Alex – De qualquer forma, é verdade... Se cada um tentasse lembrar o que estava a fazer quando... Bem, quero dizer, qual é a última coisa de que se lembram?

Pat – Não sei... Vejo-me na cozinha do meu restaurante, a preparar uma maionese com trufas.

Bea – Não é fácil fazer uma boa maionese.

Pat – O segredo é adicionar uma gota de...

Dani – Bem, de qualquer forma, não estamos aqui para trocar receitas de cozinha... Já estou com fome...

Alex – E tu, o que fazias?

Dani – Bem, eu...

Pat – Não te lembras, pois não?

Dani – Sim, mas se me permites, prefiro guardar para mim. De qualquer forma, não acredito que vos ajude a saber.

Alex – Está bem...

Dani – E tu? O que fazias?

Alex – Eu... Acho que a última coisa de que me lembro... Ah, sim, estava na cabeleireira.

Dani – Cabeleireira... de homens ou de mulheres?

Alex – Achas que isso poderia ajudar-nos a saber o que estamos aqui a fazer?

Carla, a prostituta (possivelmente um travesti), também acorda. Olha para os outros sem entender. O seu olhar fixa-se na Irmã Beatriz. Carla pode falar com um sotaque estrangeiro.

Carla – Bom dia, irmã. A operação correu bem?

Bea – Não saberia dizer-te.

Carla – Não és enfermeira?

Bea – Sim, bem... Mais auxiliar de enfermagem...

Alex – Antes disse enfermeira.

Dani – Pecado de orgulho, irmã... Não é de admirar que tenhas acabado no purgatório...

Carla – Se é enfermeira, então estou no hospital. Vim por... Bem, já sabem.

Bea – Não...

Carla – Como diz Simone de Beauvoir: "Não se nasce mulher, torna-se mulher...".

Bea – Ah, sim... Mas não tenho a certeza de que a Clínica Nossa Senhora do Bom Socorro faça esse tipo de operações...

Pat – Só faltava isso...

Carla – E quem são estes três?

Bea – Não faço a menor ideia...

Alex – Começo a perguntar-me se não estamos simplesmente num manicómio...

Pat – Sim... isso explicaria muitas coisas.

Carla levanta-se.

Carla – Mas vamos lá ver, o que é esta história? Onde estamos, então? E o que faço aqui?

Silêncio desconfortável.

Alex – Todos nós acordámos aqui. Não fazemos a menor ideia de onde estamos. Nem porque estamos aqui.

Dani – Dito assim, parece uma peça de Jean-Paul Sartre. Qual é o título, mesmo? "As Mãos Sujas"?

Alex – "À Porta Fechada".

Dani – Isso mesmo.

Alex – Tudo isto vai acabar muito mal, pressinto...

Carla dá uns passos.

Carla – É uma brincadeira, não é?

Pat – Receio que não, caro senhor... Quer dizer, cara senhora...

Carla – Carla, chamo-me Carla.

Dani – E o que fazes, Carla?

Carla – Não se nota?

Dani – Desculpa... Só queria ter a certeza.

Pat – Uma freira e um traveco...

Carla – Não é preciso ser vulgar. Se me permitem, prefiro transgénero.

Pat (*para Alex*) – Começo a pensar que tens razão.

Alex – Sobre o quê?

Pat – Quando dizias que reuniram pessoas que não têm nada em comum.

Dani – Excepto ser franceses...

Pat – Se isso te faz feliz.

Bea – Acham que podemos estar numa espécie de Arca de Noé, em previsão de um dilúvio iminente?

Alex – Desculpa?

Bea – Noé! Na Bíblia! Ele reuniu exemplares de todas as espécies animais antes do dilúvio, para preservá-los de uma extinção total... Quem nos trouxe aqui talvez quisesse recolher uma amostra representativa da espécie humana...

Carla – Grande amostra! Isto parece a Corte dos Milagres...

Pat – O purgatório, a Arca de Noé, agora a Corte dos Milagres...

Alex – Faz-me mais lembrar a Jangada da Medusa.

Dani – Quem sabe, talvez acabemos a comer-nos uns aos outros.

Carla – Foi isso que aconteceu nessa jangada?

Dani – De qualquer forma, estou a começar a ter fome de verdade...

Bea – Ou talvez seja um reality show.

Alex – Um programa que vai acabar mal, pressinto...

Enquanto todos olham para a frente do palco, Alpha (homem) e Omega (mulher) chegam por trás. Usam macacões unissexo estilo ficção científica de uma série de baixo orçamento. Têm pistolas laser na cintura que parecem brinquedos ou secadores de cabelo. Alpha e Omega movem-se em silêncio e de forma mecânica. Para seu aspeto físico um pouco artificial e comportamento robótico, pode-se inspirar na série Real Humans. Apesar da diferença de sexo, parecem-se e podem ser confundidos. Para distingui-los, os seus nomes estão escritos nos trajes.

Alpha – Amigos terrestres, bom dia.

Os outros viram-se como um só homem.

Omega – E bem-vindos à nossa modesta nave espacial.

Pat – O que é este circo?

Dani – Quem são estes palhaços?

Alpha e Omega avançam para o centro do palco.

Bea (fazendo o sinal da cruz) – Jesus, Maria, José...

Omega – Somos os vossos anfitriões, e vocês são os nossos convidados.

Alpha – Por algum tempo, pelo menos.

Carla – Estão a gozar connosco.

Bea – Bem, não se sequestram pessoas assim sem mais nem menos.

Alex – Sabem que podemos denunciá-los por sequestro e detenção ilegal?

Alpha – Acreditem, lamentamos muito estes pequenos inconvenientes.

Omega – Queríamos falar convosco antes de tomar uma decisão importante.

Alpha – Importante para vocês, pelo menos.

Pat – Mas o que querem, afinal?

Alpha – Bem, queremos... simplesmente conhecê-los.

Omega – Isso mesmo... Aprender um pouco mais sobre os vossos costumes locais...

Carla – São turistas então?

Alpha – Explicaremos tudo, acalmem-se.

Pat – Nós não queremos saber absolutamente nada. O que queremos é sair daqui, ponto final.

Carla – E então, de onde vêm vocês?

Dani – Como chegaram aqui? Não há porta.

Alpha – Bem, nós... descemos do céu.

Pat – Sim, pela chaminé. Como o Pai Natal.

Omega – Não exatamente.

Bea – Então, são anjos, não é?

Alpha – Também não exatamente...

Alex – Então, quem são vocês, pelo amor de Deus?

Alpha – Vai ser difícil acreditarem, é normal, mas...

Omega – Somos o que vocês chamam na Terra extraterrestres.

Momento de estupefação.

Carla – Está bem... Então é uma brincadeira?

Pat – É para a Câmera Oculta?

Dani – É um reality show? Onde estão as câmaras?

Omega – Não há câmaras.

Bea (*fazendo o sinal da cruz*) – Senhor Deus... É o diabo que os envia...

Dani – Extraterrestres...

Todos desatam numa risada nervosa, exceto Beatriz. Alpha e Omega observam-nos com curiosidade.

Alpha – Então, é isto que chamam riso?

Omega – Sim, ao que parece...

Alpha – De qualquer forma, é muito barulhento.

Alex – Marcianos... Não estão a gozar connosco, pois não? Podiam ter feito um pequeno esforço nos efeitos especiais.

Dani – De certeza que é para um canal de baixo orçamento.

Pat – São exatamente como nós!

Carla – Não pedimos que fossem verdes com antenas no lugar dos olhos, mas ainda assim.

Pat – Sabemos que os extraterrestres não podem ser exatamente iguais aos humanos.

Alpha – De facto, não somos como vocês.

Omega – Nem sequer um pouco. Ficariam surpreendidos.

Alpha – Simplesmente assumimos uma aparência humana para não os assustar demasiado.

Omega – E aprendemos a vossa língua para podermos comunicar convosco.

Pat aproxima-se, ameaçador.

Pat – Bem, já chega de brincadeiras... Eu vou-me embora.

Alpha – Receio que isso não seja possível de imediato.

Pat – Ah, sim? E quem me vai impedir de sair? Vocês?

Pat avança ainda mais. Alpha tira a sua pistola e aponta-a para ele.

Alpha – Se fosse a ti, não faria isso.

Pat – O quê? Achas que me podes parar com o teu secador de cabelo? Mas de onde vêm, rapazes? De um velho episódio de Star Trek?

Pat avança e o outro puxa o gatilho. Pat cai no chão e começa a ter espasmos.

Bea (fazendo o sinal da cruz) – Jesus, Maria, José... Marcianos...

Omega – Não se preocupem, não é nada grave.

Pat levanta-se, atordoado. Beatriz corre para ajudá-lo.

Dani – Então não é uma piada...

Alpha – O que é uma piada?

Carla – Vocês não sabem o que é uma piada?

Omega – Precisamente estamos aqui para aprender isso.

Alex – Mas por que diabos nos sequestraram? Não fizemos nada a vocês!

Alpha – Apenas desejamos tentar entender.

Dani – Entender? Entender o quê?

Omega – Bem... Todas essas coisas que ignoramos sobre vocês.

Bea – Então vão nos dissecar como ratos de laboratório?

Alpha – Não, acalme-se.

Omega – Isso já fizemos.

Alpha – Mas em outros que não são vocês.

Carla – Ah, sim, isso nos tranquiliza muito, de fato.

Omega – Mas isso não nos permitiu entender.

Pat – Mas entender o quê, diabos?

Alpha – Tudo o que faz com que para vocês, a vida valha a pena ser vivida.

Omega – O amor, o humor, a gastronomia...

Alpha – A arte de viver à francesa.

Dani – O que eu disse? É porque somos franceses que nos sequestraram...

Omega – Vocês não dizem... feliz como Deus na França?

Alex – Sim, mas... Os alemães são os que dizem isso...

Carla – Sobretudo é um pretexto para nos invadir pelo menos duas vezes por século.

Alpha – De qualquer forma, gostaríamos de saber quem é Deus.

Omega – E o que é a felicidade.

Carla – Não, isso é uma piada... Nos sequestraram para que expliquemos o que é o charme latino, o humor gaulês e a gastronomia francesa?

Dani – Nesse caso, podem me soltar imediatamente. Não faço amor há tanto tempo que já não me lembro de como se faz, segundo meu agente não sou nada engraçado, e cozinheiro muito mal...

Alpha – Falando em cozinha, estamos negligenciando nossos deveres de hospitalidade.

Omega – Vamos trazer um pequeno lanche para vocês.

Alpha – Não somos selvagens, afinal.

Omega – Não os deixaremos morrer de fome.

Dani – Sim, isso, percebo que não é para recusar...

Alpha – Continuaremos essa conversa tranquilamente depois que tiverem comido.

Omega sai.

Alpha – Não cozinhamos tão bem quanto vocês, os franceses, mas... espero que gostem.

Omega retorna com uma panela.

Alpha – Bom apetite! É assim que se diz?

Pat – Eh... Sim...

Alpha e Omega estão prestes a sair.

Bea – Não vão partilhar esta comida connosco?

Omega – É que...

Alpha – Também não sabemos o que é comer.

Omega – E também não precisamos.

Alpha – Funcionamos... com pilhas.

Bea – Ah, sim...

Carla – Querem dizer que... são robôs?

Alpha – É um pouco mais complicado que isso, mas...

Omega – Afinal, alguns de vocês na Terra já usam órgãos que funcionam com pilhas, não?

Bea – Queres dizer... os brinquedos sexuais, por exemplo? (*Todos a olham*). Não, só ouvi falar deles...

Alpha – Pensávamos mais em... um coração artificial, por exemplo. Após um transplante.

Carla – É verdade que o coração e a pila, são os dois primeiros órgãos que, no homem, poderiam ser facilmente substituídos por próteses elétricas.

Bea – Um pergunta-se porquê...

Um momento.

Omega – Bem, para nós é o mesmo.

Alpha – Exceto que todos os nossos... órgãos funcionam com pilhas.

Omega – Bem, quando dizemos pilhas...

Alpha – É uma forma de falar.

Carla – Claro...

Omega – Bom apetite!

Alex – E... se precisarmos contatá-los, por alguma razão?

Carla – Por exemplo, para ir ao banheiro.

Alpha – Não se preocupem, saberemos.

Omega – E responderemos ao vosso chamado.

Alpha e Omega saem.

Bea – Jesus, Maria, José... Ciborgues!

Todos olham novamente para Irmã Beatriz. Todos ficam atónitos por um momento.

Alex – Ainda acham que poderia ser uma piada?

Pat – A pistola de laser dele não era uma piada, acreditem em mim.

Dani – Poderia ter sido apenas um taser.

Bea – Se estamos no purgatório, provavelmente são demónios, enviados por Deus para nos tentar.

Carla – Nesse caso, não poderias fazer-lhes algo com o teu crucifixo ou com um dente de alho, como se vê nos filmes de vampiros?

Bea – Infelizmente, tiraram-me a cruz que tinha ao redor do pescoço.

Carla – Que pena...

Bea (*para si mesma*) – Ou talvez tenha perdido durante o jogo.

Pat – Que jogo?

Bea – Não, nada, desculpem-me.

Alex – Poderiam ser islamistas pregando uma peça em nós?

Dani – Em geral, essa gente não tem muito senso de humor...

Pat – Não consigo imaginar islamistas se passando por marcianos, só para nos fazer rir antes de nos degolar como ovelhas.

Um momento.

Carla – E se não fosse uma piada?

Pat – Extraterrestres, achas?

Bea – É verdade que, se tivermos que escolher, me pergunto se não preferiria...

Carla – Temos que reconhecer que para extraterrestres que chegam à Terra, há razões para fazer perguntas, não?

Pat – Mas para nós não importam as suas perguntas existenciais. Só queremos ir embora, é só isso. Eu tenho um restaurante para dirigir!

Alex – Isso vai acabar mal, lamento...

Bea – Mas, por outro lado, não parecem muito agressivos.

Dani – Até nos trouxeram comida...

Pat – Claro, não foste tu quem recebeu o choque do taser deles...

Dani – Bem, estou com fome. Por que não continuamos falando sobre isso enquanto petiscamos algo?

Pat – Já que estamos presos aqui por enquanto, é melhor recuperarmos energias. Podemos precisar delas em breve...

Pat levanta a tampa da panela.

Carla – O que é isto? Uma especialidade da vossa terra?

Bea – Cuscuz?

Pat olha para dentro.

Pat – Parece mais uma sopa de repolho...

Dani – Devem ter visto o filme...

Carla – Que filme?

Dani – A sopa de repolho! Com Luís De Funès. É um clássico, afinal...

Alex – Poderiam pelo menos ter nos dado talheres...

Carla – É verdade, não vamos comer com as mãos.

Bea – Especialmente se for sopa.

Pat – Não, não é sopa. Tem carne, parece. É mais como um cozido...

Carla – Bem, cozido então.

Dani – Cozido de quê?

Alex – Na situação em que estamos, que mais dá?

Bea – À mercê de Deus!

Dani – Desculpa, mas não como porco.

Pat (*suspeitoso*) – És muçulmano?

Dani – Não, não sou muçulmano, mas não como porco.

Bea – Não são apenas os muçulmanos que não comem porco...

Pat – Ah, tudo bem...

Dani – Isso também te incomoda?

Pat – De forma alguma.

Alex – Bom, então, como é este cozido?

Bea – Pelo menos cheira bem... Poderei dizer a bênção?

Pat mete a mão na panela e fica imóvel.

Pat – De qualquer forma, aqueles que não comem porco podem comê-lo sem problema...

Ele tira uma mão. Depois um pé. Todos ficam chocados.

Dani – Definitivamente, não é cozido de porco.

Alex – Mas é monstruoso!

Bea (*fazendo o sinal da cruz*) – Jesus, Maria, José... Canibais... É uma abominação!

Alex – Não vamos ficar de braços cruzados esperando que esses tipos, mesmo que sejam muito gentis, nos cozinhem lentamente.

Dani – Tens razão. Temos que fazer algo.

Pat – Ah, sim. E o quê? Se tens uma ideia brilhante, é agora ou nunca para nos dizeres.

Carla – Com arma laser ou sem ela, pegamo-los de surpresa. E os nocauteamos. Afinal, são apenas dois.

Alex – Não parecem ser muito fortes...

Bea – E além disso funcionam com pilhas.

Pat – Muito bem. (*Para Dani*) Se és realmente faixa preta de karaté, é hora de mostrares isso.

Dani – Na verdade, desisti depois de uma semana. Tinha medo demais de levar um soco.

Pat – E supondo que consigamos nocauteá-los, o que fazemos depois? Tomamos o controle da nave espacial e voltamos à Terra, aterrissando em Roissy depois de pedir permissão à torre de controle?

Dani – Talvez não seja tão complicado pilotar um OVNI...

Bea – Nem mesmo sei dirigir um carro.

Pat – Tenho minha licença de piloto de drones, mas...

Alex – Esta situação vai terminar mal, lamento.

Dani – Poderias parar de repetir isso? Vais acabar nos dando azar...

Um momento.

Bea – Bem... Só nos resta uma coisa a fazer.

Carla – O quê?

Bea – Orar!

Bea junta as mãos e começa a murmurar uma oração baixinho. Os outros suspiram pesadamente.

Alex – No entanto, devemos encontrar um plano.

Carla – Aproveitemos enquanto eles não estão aqui para planejar o contra-ataque.

Alex – Nossa única chance é jogar com o fator surpresa.

Pat – Isso não vai ser fácil.

Carla – Porquê?

Pat – Ouviu o que eles disseram? Se precisarem de algo de nós, vão saber.

Bea – Quer dizer que...

Carla – Estamos sendo espionados?

Alpha e Omega retornam sorrateiramente por trás do cenário.

Alpha – Então, como está o apetite?

Os outros pulam surpreendidos.

Bea – Senhor Jesus...

Carla – Mas o que lhes deu? Não é correto aparecer assim do nada!

Alex – Quase tive um ataque cardíaco...

Omega – Desculpem.

Alpha – O prato do dia não agradou? (*Levanta a tampa da panela*) Vocês não comeram nada...

Omega – No entanto, seguimos a receita à risca.

Alpha – Fizemos algumas adaptações, porque não tínhamos todos os ingredientes.

Alex – Não, mas nós não comemos isso.

Alpha – Vocês não comem repolho?

Pat mostra-lhes o pé.

Bea – Sim, mas somos bons cristãos. Não somos canibais!

Alpha – Lamento, pensámos que vos faria feliz.

Omega – Eu disse que eles não se devoram mais uns aos outros há muito tempo.

Alpha – Desculpem novamente. É apenas um pequeno mal-entendido.

Carla – Um pequeno mal-entendido?

Bea – E além disso, quem é, afinal?

Alpha – Quem?

Carla – Na panela!

Omega – Aqueles que estavam aqui antes de vocês.

Alpha – E que não puderam responder às nossas perguntas.

Omega – Pessoas muito agradáveis, aliás.

Alpha – Muito simpáticos, como vocês dizem.

Alex (*sussurrando para Dani*) – Acho que vamos ter que negociar.

Dani – E, acima de tudo, evitar irritá-los...

Carla – Não temos permissão para errar, está claro.

Pat – Quer dizer... não temos permissão para falhar?

Carla – Sim, bem, é a mesma coisa.

Alex – Então, isso é realmente o que querem saber?

Carla – O que é o amor? E toda a confusão...

Omega – Entre outras coisas, sim.

Alpha – Mas há tantas coisas misteriosas que gostaríamos de saber sobre vocês, os terráqueos...

Omega – E especialmente os franceses. Como...

Alpha – O existencialismo.

Omega – O Beaujolais nouveau.

Alpha – O cubismo.

Omega – Os Radicais de Esquerda.

Alpha – Deus.

Omega – A sodomia.

Dani – Uau...

Bea (*fazendo o sinal da cruz*) – Senhor Deus...

Alex – Mas... porquê nós, se me permitem perguntar?

Pat – Somos apenas pessoas muito comuns, sabem? Gente como todos.

Dani – Talvez até um pouco abaixo da média...

Carla – Porque não perguntar aos especialistas?

Pat – Filósofos, políticos, artistas, estrelas da televisão...

Alpha – Isso já fizemos.

Bea – E então?

Carla – Onde estão?

Omega – Na panela...

Alex – Deduzo que as respostas deles não os satisfizeram completamente.

Bea – Oh meu Deus?

Alpha mostra-lhes a panela.

Alpha – Realmente não querem experimentar?

Omega – Talvez ajude.

Alpha – Dizem que comer cérebro é muito bom para a memória.

Omega – Pelo menos, foi o que lemos em um dos seus livros de culinária.

Alpha – Então, cérebro de filósofo...

Omega levanta a tampa da panela.

Omega – Embora seja verdade que não é muito apetitoso.

Alpha – Realmente vão ter que encontrar algo melhor do que isso para nos convencer.

Carla – Convencer vocês?

Alpha – A religião, a filosofia, a política... Reconheçam que tudo isso não é muito coerente, certo?

Omega – E infelizmente, os seus cientistas não têm muito a nos ensinar.

Alex – Mas, convencê-los de quê, exatamente?

Alpha – De salvar a Terra.

Bea – É um pesadelo. Senhor, por favor, me diga que vou acordar...

Carla – Salvar a Terra?

Bea – Mas por que pobres pecadores como nós seríamos capazes de salvar a Terra?

Omega – Porque são franceses!

Carla – Franceses? Mas eu não sou francesa, hein? Pelo menos, não de origem francesa...

Pat – Franceses... exatamente! Sem a ajuda da metade do planeta, nem sequer teríamos conseguido libertar a França de duas invasões num século. Como esperam que salvemos a Terra sozinhos?

Alpha – Eles se definem como o auge da civilização, não é?

Dani – Sim, bem... são os franceses que dizem isso, sabem?

Alex – Também há os chineses.

Bea – Uma civilização muito antiga.

Carla – Senão, mais perto, têm os belgas.

Dani – É verdade que muitas vezes nos confundem. Claro, como falamos a mesma língua.

Alex – Mas na realidade, muitas vezes, os melhores franceses são belgas.

Carla – Jacques Brel, Johnny Hallyday, Gérard Depardieu...

Bea – Todos belgas.

Alex – Sério, deveriam experimentar o lado da Bélgica, na verdade.

Um momento.

Carla – E se não conseguirmos explicar por que a vida vale a pena ser vivida?

Bea – Vão nos sacrificar também?

Omega – Para dizer tudo...

Alpha – Nos enviaram aqui para descobrir se os terráqueos merecem continuar vivendo, ou se podemos usar o planeta deles como um depósito.

Pat – Um depósito?

Alpha – Nós também... temos nossos excrementos e nossos resíduos tóxicos.

Omega – E não podemos deixá-los espalhados por aí, certo?

Alex – Claro, entendo isso... Sou uma ecologista eleita e adjunta à limpeza, então já podem imaginar...

Omega – Bem...

Alpha – Vamos deixá-los mais um momento para refletir, certo?

Alpha e Omega saem. Os outros ficam chocados por um momento.

Bea – Perceberam? O futuro da humanidade está em nossas mãos... Deus nos encarregou de uma missão!

Dani – Devemos sair daqui, sim. E rápido!

Pat – Não há porta! Aparentemente, esses dois são como fantasmas...

Alex – E se estivermos numa nave espacial!

Carla – Sim, bem, é o que dizem...

Dani – Parece muito uma cena de teatro.

Bea – Acham que esses enviados de Satanás podem ser atores?

Dani – Quem sabe. O mundo é um palco, minha irmã. Pelo menos, é o que diz Shakespeare.

Carla – Bem, então, o que fazemos?

Dani – Talvez possamos comer o repolho mesmo assim...

Os outros nem reagem.

Alex – Não temos opção.

Dani – O quê?

Alex – Teremos que explicar tudo isso a eles.

Pat – Explicar-lhes o quê?

Bea – O sentido da vida!

Carla – Pelo menos, segundo os franceses.

Alex – Ela tem razão... Imaginem que, por milagre, conseguimos escapar e que possamos voltar à nossa pequena vida de antes. De que serviria se no dia seguinte esses marcianos decidirem nos bombardear com seus resíduos nucleares?

Carla – Também mencionaram excrementos. Imaginem que planeiam nos bombardear com suas fezes.

Dani – Acho que prefiro a versão de Hiroshima.

Carla – É verdade que é um pouco mais digno, em termos de apocalipse. O que acha, irmã?

Pat – Merda... Estamos lixados.

Carla – Isso é literalmente.

Dani – A vida na Terra merece ser vivida? O que eu sei? Afinal de contas, nunca pedi para nascer.

Alex – Bem, talvez, mas agora que estamos aqui...

Carla – Então, o que fazemos?

Bea – Podíamos dividir-nos em dois grupos, e cada um trabalhar num tema.

Carla – Foi animadora de um centro de recreio antes de entrar para a ordem?

Alex – É verdade que cada um de nós deve saber um pouco mais sobre um tema. Na verdade, acho que é por isso que fomos escolhidos.

Bea – Vês! Somos os escolhidos!

Alex – Eu sou apenas vice-prefeito, ok? Cuido da reciclagem, não pretendo ter encontrado o Santo Graal.

Carla – Você, minha irmã, poderia explicar-lhes para que serve o Papa?

Dani – E por que, graças a ele, a vida merece ser vivida...

Pat – Merda, isso não será fácil...

Carla – Poderia parar de dizer "merda" no início de cada uma de suas frases?

Alex – Bem. Por onde começamos?

Carla – Vamos começar pelo menos complicado...

Bea – O quê?

Carla – Não sei, a cozinha!

Pat – Acha que a cozinha francesa não é complicada? Diga isso aos inspetores do Guide Michelin.

Carla – De qualquer forma, é menos complicado que Deus, certo? Pelo menos, temos a certeza de que um cozido existe.

Dani – É verdade que nenhum filósofo dedicou sua vida a tentar encontrar provas da existência do cozido.

Alex – Então, o que é a cozinha?

Pat – A cozinha é uma arte. E é praticando que se começa a acreditar nisso.

Bea – É um pouco como a religião, então.

Carla – E é o oposto do amor, minha irmã, acredite...

Dani – Bem, estamos em apuros.

Pat – E além disso não tenho nada para cozinhar aqui!

Dani – Sem mencionar que se esses dois marcianos são robôs...

Alex – Vendo o que nos serviram como comida...

Carla – Tudo nos leva a pensar que não têm um paladar muito delicado.

Refletem um momento.

Alex – Então, a risada. A risada é própria do homem. O filósofo Bergson até escreveu um ensaio sobre isso.

Dani – Bergson... Estou certo de que isso ajudará muito nossos marcianos a entender o que é o humor. Viram o que fizeram com os filósofos? Realmente querem terminar num cozido?

Pat – Ou num cuscuz...

Bea – Acham que são muçulmanos?

Dani – O que acha, minha irmã? Que todos os extraterrestres são bons católicos?

Alex – Não podemos explicar-lhes o que é a risada, mas podemos tentar fazê-los rir.

Carla – Como? Fazendo cócegas nas pilhas deles?

Pat – Fazer rir um marciano... Saber fazer isso, você, o palhaço?

Dani – Nunca consegui fazer rir um parisiense. Mas posso tentar com um marciano...

Carla – Isso é muito tranquilizador...

Alpha e Omega voltam sem aviso prévio.

Alpha – Então, têm uma boa piada para nos contar?

Os outros ficam surpresos novamente.

Pat – Pelo amor de Deus...

Dani – Não poderiam chamar como todo mundo!

Omega – Desculpe. Não queríamos apressá-los.

Alpha – É verdade, temos tempo.

Omega – Digamos uma hora.

Carla – Uma hora?

Bea – Bem, então adiante! O que estão esperando?

Alex – Preparem-se para rir.

Pat – Na verdade, entre nós temos uma palhaça muito talentosa...

Alex – Que atuou nos palcos mais importantes de Paris. E também em Marselha.

Os olhares se voltam para Dani. Inicialmente desconcertada, ela começa.

Dani – Então... Conhecem a piada sobre os marcianos?

Alpha – O que é um marciano?

Omega – O que é uma piada?

Bea – Isso não vai funcionar...

Pat – Vejam, é muito boa...

Dani – É um astronauta que chega a Marte. Ele encontra dois marcianos contando piadas, exatamente.

Alpha – Mas não há ninguém em Marte.

Omega – Fomos lá antes de vir para cá.

Alpha – Não há marcianos.

Dani – É uma piada! Também precisam colaborar!

Omega – Tudo bem...

Alpha – Continue.

Dani – Então o astronauta fica surpreso ao ver os dois marcianos contando piadas, porque... O primeiro diz um número, por exemplo... 42 ou 69, e o outro ri alto. O astronauta pergunta por quê. O marciano responde: para economizar tempo. Atribuímos um número a cada piada, e então só é necessário dizer o número. Por exemplo: 435. O outro marciano explode de riso. Ótimo, diz o astronauta, posso tentar? Então, o astronauta diz um número aleatório. Por exemplo, não sei... 753. Os dois marcianos explodem de riso. E um deles diz: Esta é muito boa, não conhecíamos.

Ninguém ri. Em seguida, os terráqueos tentam rir.

Alex – Excelente.

Carla – Muito engraçado.

Pat – Sim... Eu também não conhecia.

Mas Alpha e Omega permanecem impassíveis.

Alpha – Não entendemos nada.

Omega – O que há de engraçado?

Alpha – O que é engraçado?

Pat – Poderiam nos dar mais cinco minutos?

Alpha e Omega se afastam para a outra extremidade do palco. Os outros falam baixo.

Dani – Na verdade, é uma piada sobre os informáticos, mas adaptei um pouco para os marcianos...

Carla – Acho que não vai funcionar para o riso.

Dani – Pensei que se fizesse um informático rir, talvez pudesse fazer um marciano rir.

Alex – Aparentemente, essas pessoas não têm senso de humor.

Pat – Bem, temos que admitir que essa piada foi realmente ruim.

Bea – Também não me fez rir.

Carla – Então, o que fazemos?

Alex – Acho que falar sobre Deus nem vale a pena, certo? Nem nós mesmos acreditamos nisso.

Bea – Eu acredito!

Carla – Olha, uma hora atrás nem acreditava em extraterrestres, então...

Pat – Afinal, o que temos a perder?

Alex – Bem, minha irmã... Se acredita que pode evangelizar os marcianos, este é o momento.

Dani – Mas aviso, parecem mais durões que os índios americanos.

Bea se aproxima de Alpha e Omega

Bea – Deus também os ama, meus queridos irmãos. Mesmo que estejam possuídos pelo demônio. E ele concede sua misericórdia. (*Exaltada*) Satanás, saia desses dois corpos inocentes!

Bea faz um grande sinal da cruz com a mão, como se estivesse atacando em karatê. Alpha, sentindo-se ameaçado, saca sua pistola laser e a atinge. Bea cai no chão e começa a convulsionar. Os outros a olham com certa indiferença.

Carla – Parece que ainda não estão prontos para virar a outra face...

Bea se recupera gradualmente e se levanta.

Dani – Então, a política.

Pat (*para Alex*) – Você realmente se sente capaz de explicar a um marciano para que serve um vice-prefeito?

Carla – É verdade, visto dessa forma...

Dani – Resta o amor...

Alex – Não podemos explicar o que é, mas como você disse... podemos tentar fazê-los... sentir.

Dani – Sentir...?

Pat – E quem vai se encarregar?

Os olhares se voltam para Carla e Beatriz.

Pat – Não vamos pedir isso à Irmã Beatriz...

Bea – Só conheço o amor do nosso Senhor. Sou casada com Jesus.

Os olhares se voltam para Carla.

Carla – Espere, estamos falando de amor ou...? Porque eu só conheço o amor pago.

Alex – Ainda assim... O amor é um pouco a sua especialidade, não?

Carla – Quer que eu me deite com um marciano?

Alex – Estamos falando de salvar a Humanidade...

Dani – Com letra maiúscula.

Pat – Não vamos confiar esta missão a amadores.

Carla – Tudo bem, eu tentarei, mas há um problema...

Pat – Qual?

Carla – Tecnicamente, ainda sou um homem.

Dani – O quê...?

Carla – Tinha uma consulta marcada na clínica para a operação, mas com tudo isso.

Bea – Senhor Deus...

Alex – Mas, afinal, são marcianos...

Dani – Bem...

Pat – Então, quem?

Alex – Eu sou casada...

Dani – Com um homem ou com uma mulher?

Alex (*para Dani*) – E você, tem vontade de salvar a Humanidade?

Pat – Uma palhaça... São marcianos, mas mesmo assim...

Alex – Nesse caso, só resta uma solução...

Os olhares se voltam para Beatriz.

Bea – Eu? Mas, por favor, não estão falando sério...

Pat – Considere isso como um sacrifício supremo, Irmã.

Bea – E além disso, o que aconteceria se eu engravidasse? O que direi à Mãe Superiora quando voltar para a Clínica de Nossa Senhora do Bom Socorro?

Alex – Diga que é fruto de um encontro do terceiro tipo... com o Espírito Santo.

Dani – E funde uma nova religião!

Pat – Isso já foi feito.

Alex – Sem mencionar que as outras religiões, entre nós, já estão um pouco ultrapassadas, não?

Dani – A Igreja Católica e Romana, temos que aceitar, Irmã. É como o Partido Socialista. Ninguém mais acredita nisso.

Alex – Às vezes... não se pode fazer algo novo com o velho.

Bea – Bem, suponhamos. Mas, como se faz amor com um marciano?

Pat – Como fazer amor com um marciano... Essa é a pergunta.

Dani – Sim, parece um tema do exame de filosofia.

Carla – Bem, aqui se trata mais de trabalho prático.

Alex – Eu não sei. Dado que eles assumiram forma humana, também devem estar equipados para tudo o mais.

Bea – Sua piada, antes, não os fez rir.

Dani – Na minha opinião, o cérebro não está totalmente desenvolvido.

Alex – Bem, aí não estamos falando de cérebro, certo?

Carla – Se os homens com o cérebro não totalmente desenvolvido fossem condenados à abstinência, todos os travestis do Bois de Boulogne estariam desempregados...

Os marcianos retornam.

Omega – Então...

Alpha – Prontos para um último experimento?

Bea – Vocês esquecem que são dois. Há um macho e uma fêmea, certo?

Alex – É verdade, melhor respeitar a paridade.

Dani – E duplicar nossas chances...

Carla – Nesse caso, eu também estou disposta a me sacrificar.

Bea – Deus lhes agradecerá.

Carla leva os dois extraterrestres consigo. Beatriz os segue.

Carla – Venham com Mamãe, meus queridos. Finalmente, conhecerão o segredo da vida.

Bea e Carla saem com Alpha e Omega.

Dani – É nossa última chance...

Pat – Acham que vai dar certo?

Alex – Um travesti e uma freira para iniciar dois marcianos no amor. Não esperem de mim um otimismo excessivo, porém.

Escuridão. Eclipse. Luz.

Bea e Carla retornam.

Pat – Já voltaram?

Bea está bastante desarrumada, com um pouco de verde ao redor da boca. Resumindo, parece que acabou de sair do filme "O Exorcista". Carla, por sua vez, tem um olho roxo.

Alex – E como foi?

Carla – O que acha?

Pat – E você, Irmã?

Bea – Foi estranho...

Alex – Quer dizer estranho... para uma freira?

Carla – Deverias ter visto. Estava possuída. Acho que, quanto ao amor, experimentaram o alfa e o ômega.

Dani – Beatriz, mereces ser beatificada.

Pat – Mas disseram algo?

Bea – Nada...

Alex – Não tenho certeza se é um bom sinal...

Pat – Então, o que fazemos?

Alex – Nos preparamos para ser o banquete daqueles que nos sucederão?

Silêncio enquanto pensam.

Pat – Sabem de uma coisa? Agora me lembro...

Alex – O quê?

Pat – Da última coisa que me lembro antes de ser sequestrado.

Carla – Ah sim?

Pat – Estava no Stade de France.

Bea – Sério?

Pat – Para o jogo Olímpico Marselha - Paris Saint Germain.

Alex – Incrível, agora que mencionas...

Pat – O quê?

Alex – Eu também!

Carla – Incrível, agora eu também me lembro!

Alex – Com certeza foi lá que nos sequestraram...

Bea – Então todos somos torcedores do Paris Saint Germain?

Alex – Não me digas que tu também, irmã...

Bea assente em silêncio.

Dani – Eu já tinha voltado, mas não tinha coragem de dizer. Eu odeio futebol e tudo relacionado a ele.

Alex – Futebol... Nem sei as regras.

Dani – E você?

Pat – Também não.

Dani – No entanto, olhando vocês assim. Um os imagina como seguidores do Paris Saint Germain...

Pat – Bem, você vê... É preciso ter cuidado com os estereótipos. Eu gosto mesmo é de rúgbi.

Carla – Mas então o que fazíamos no Stade de France para um jogo de futebol?

Pat – Um dos jogadores do Paris Saint Germain é cliente habitual do meu restaurante. Ele queria algo especial para o intervalo.

Dani – Algo especial?

Pat – Caracóis com maionese de trufa. Vocês sabem como são essas coisas... os caprichos das estrelas...

Alex – E você, irmã?

Carla – É verdade! O que faz uma freira no Stade de France em uma noite de jogo?

Bea – Na clínica, tratamos de um jogador do Paris Saint-Germain depois de uma lesão. Cuidei dele. Fez muito bem... insistiu que eu desse uma massagem na coxa dele durante o intervalo...

Como em um sonho, todos ficam paralisados, exceto Bea, que começa a mimar a música de Clarika "Les Garçons dans les vestiaires" enquanto o videoclipe erótico é projetado ao fundo do palco (ou qualquer outra música e/ou videoclipe escolhido pelo diretor da peça). Então tudo volta ao normal.

Pat (para Carla) – E você? É fã de futebol?

Carla – Estava lá para o terceiro tempo. No final, irmã, fazemos um trabalho semelhante, você e eu...

Os olhares se voltam para Alex.

Alex – Vim para agradar meus eleitores. Em tempos de eleição, sempre é bom ser visto em um estádio.

Dani – Na verdade, todos nós odiamos futebol. Aí está o que temos em comum!

Um momento. Alpha e Omega retornam. Suas roupas também estão um pouco desarrumadas.

Dani – E então? Felizes?

Alpha – Digamos que...

Omega – Estamos dispostos a dar-lhes uma última chance.

Alex – Estamos ouvindo...

Alpha – Quando os teleportamos, todos estavam testemunhando uma estranha cerimônia, em um prédio que parece uma nave espacial.

Bea – De cima, o Stade de France sempre me lembrou um disco voador...

Omega – De fato, isso foi o que chamou nossa atenção no início.

Pat – O Stade de France é a Catedral do futebol.

Omega – De qualquer forma, há muito mais gente do que na missa.

Alpha – Queremos que nos expliquem este mistério.

Pat – Este mistério?

Omega – Esta paixão dos terráqueos pelo futebol!

Carla – Claro, futebol!

Alex – É um jogo que, acredito, foi inventado pelos astecas.

Dani – Embora as regras tenham sido principalmente codificadas pelos ingleses, é claro.

Escuridão. Eclipse. Luz.

Enquanto esvaziam cervejas e mastigam amendoins, todos olham para uma tela imaginária (supostamente ao fundo da sala para os espectadores) onde um jogo de futebol está sendo projetado. No entanto, você pode ouvir a narração do jogo pelos jornalistas esportivos.

Alex – Não sei como conseguiram sintonizar a Canal sem serem assinantes...

Bea – Não esqueçamos que essas pessoas pertencem a uma civilização muito mais avançada que a nossa.

Dani – Terão que nos dizer como fazem.

Bea – Não sabemos se gostam ou não. Não dizem nada...

Carla – Realmente, não são muito comunicativos. Já vimos antes...

Um momento em que o jogo continua.

Dani – De qualquer forma, menos mal que trouxeram amendoins. Estava com muita fome. Estava prestes a comer o cozido...

Todos assistem ao jogo em silêncio por um momento.

Alpha – Por quem estão torcendo?

Pat – Eh... pelo Paris Saint-Germain, claro!

Alpha (*aumentando o tom de voz*) – Vamos, Marselha!

Dani – Acho que entenderam a ideia geral, não é...

Carla – Sim, é um começo...

Eles continuam assistindo ao jogo.

Omega – Por que eles param?

Dani – Falta...

Carla – Mais um penáلتi, não?

Alex – Ah, não, desculpe, é o intervalo...

Alpha – Ah, sim...

Bea – Só nos resta esperar que o Olímpico de Marseille ganhe...

Carla – Ou talvez já seja o final do jogo.

Omega – Mas quem ganhou então?

Dani – Ah, não, é que...

Alpha – Pensei que tinha terminado?

Pat – Na verdade são prorrogações...

Alpha – Gol!

Omega – Então o Paris Saint Germain ganhou, certo?

Alex – Sabia que isso terminaria mal...

Pat – Ah, não, acabaram de dizer que foi impedimento.

Bea – Salvos pelo gongo... (*Corrigindo-se rapidamente*) Quero dizer, pelo árbitro... Por enquanto...

Omega – Impedimento? O que é isso de impedimento?

Todos se olham.

Dani – É algo muito difícil de entender para um extraterrestre, especialmente do sexo feminino.

Omega – Mais difícil que a sodomia?

Bea – Igual...

O comentarista continua.

Carla – Desta vez são os penaltis

O comentarista indica que o Marselha ganhou.

Alpha – Então o Marselha ganhou?

Alex – Sim, exatamente!

Alpha se levanta.

Alpha – Somos campeões, somos campeões, somos somos somos campeões!

Omega – Não houve impedimento.

Alpha – Como assim não houve impedimento?

Omega – O Paris Saint Germain deveria ter ganhado.

Alpha (*mecanicamente*) – Somos campeões, somos campeões, somos somos somos...

Omega saca sua pistola laser.

Omega – Eu estou a favor do Paris Saint Germain.

Alpha – E eu do Marselha.

Sob o olhar horrorizado dos outros, eles atiram um no outro com suas pistolas laser e ambos caem no chão.

Carla – Pelo menos nos livramos deles.

Pat – Mas não tenho certeza se é uma boa notícia. Quem nos levará de volta para a Terra?

Alex – Temos que garantir que possamos revivê-los...

Pat tenta acordá-los sacudindo-os um pouco.

Pat – Acordem!

Dani – Talvez as pilhas estejam descarregadas...

Bea se aproxima.

Bea – Deixe-me fazer isso, sou enfermeira...

Alex – Auxiliar de enfermagem...

Bea beija Alpha, que logo depois acorda.

Alpha – O que está acontecendo?

Omega também acorda.

Omega – O que está acontecendo?

Alex – Não se preocupem, está tudo bem.

Alpha – Mas onde estamos?

Omega – E quem são vocês?

Alpha – Fomos sequestrados, certo?

Pat – Oh droga, não...

Dani – Se não se lembram mais de nada, estamos em apuros.

Alex – Vocês nos sequestraram!

Bea – Vocês são marcianos!

Omega – Marcianos?

Alpha – Ah sim, agora lembro do jogo...

Omega – Quem ganhou?

Alex – Quer dizer que...

Carla – Empate, é isso.

Dani – Espero que lembrem como pilotar uma nave espacial.

Omega – Uma nave espacial?

Alpha – O que é isso?

Omega – Ah sim... É como chamam... a nossa nave espacial.

Alex – Ufa, parece que recuperaram a memória...

Alpha e Omega se levantam.

Alpha – Desculpe. Não sei o que aconteceu comigo...

Omega – Deve ser o futebol...

Alpha – Sim... Parece que te deixa bobo.

Dani – Pelo menos parece que entenderam isso...

Alex – Então, o que pretendem fazer conosco?

Alpha – Futebol, futebol, futebol...

Carla – Espero que não esteja dando curto-circuito...

Omega – Vamos levá-los de volta ao seu planeta.

Bea – Não vão transformar a Terra em um lixão?

Dani – Não importa, vamos nos encarregar nós mesmos...

Alpha e Omega dão alguns passos meio mecânicos enquanto se recuperam completamente.

Alex – Não são muito inteligentes, né, para extraterrestres?

Pat – Bem...

Dani – O quê?

Pat – Os enviamos aqui para esvaziar os baldes de lixo.

Alex – E então?

Pat – Não são necessariamente os mais inteligentes do grupo...

Bea – De qualquer forma... Vocês percebem o que fizemos? Salvamos o planeta!

Carla – Também não hesitou em se sacrificar, irmã...

Alex – Quando contarmos isso aos nossos amigos...

Alpha e Omega recuperaram sua segurança.

Omega – Desculpe, mas nunca vão contar essa aventura a ninguém.

Dani – Então, no final, vamos acabar em um cozido?

Omega – Acho que vamos tentar uma nova receita. (*Consternação*) Mas não, estou brincando. É humor.

Carla – Muito engraçado.

Alex – Sim, muito engraçado...

Dani – Então, e agora?

Alpha – Não se preocupem. Em um segundo, não vão lembrar de nada.

Eles os fulminam com suas pistolas de raios.

Escuridão. Eclipse.

Luz.

Alex e Dani estão sentados em frente a uma televisão ligada, supostamente, instalada novamente no fundo da sala, do lado dos espectadores. Eles estão usando camisetas do Paris Saint-Germain. Ambiente muito comum de uma noite de futebol entre amigos.

Alex – Achas que temos uma chance esta noite?

Dani – Se não nos derem um ou dois cartões vermelhos...

Carla chega com algumas cervejas.

Carla – Uma cervejinha?

Dani – Vamos lá...

Alex – Não há verdadeiro jogo sem uma cervejinha.

Pat também chega. Ele também está usando uma camiseta do PSG.

Pat – Perdi alguma coisa no começo?

Dani – Não, não se preocupe.

Carla – A revanche... Desta vez não podemos cometer erros!

Alex – Não será fácil.

Dani – Principalmente porque os marseheses jogam em casa.

Pat – A Bea não está?

Carla – Está chegando.

Pat – Espero! Ela é quem deve trazer as amendoins.

Alex – É um prazer estarmos todos juntos assim.

Carla – Sim...

Pat – Como nos conhecemos, aliás?

Alex – É curioso, não me lembro mais disso de jeito nenhum.

Carla – Eu também não...

Dani – E ainda assim, somos bons amigos.

Alex – Embora sejamos muito diferentes.

Carla – Todos somos fãs do Paris Saint-Germain, não é?

O interfone toca.

Alex – Ali estão os amendoins.

Dani – Vou abrir... (*Sai e continua fora*) Bea! Estávamos todos esperando por ti como o Messias...

Ele volta com a Bea.

Bea – Olá a todos!

Alex – Olá, Beatriz.

Carla – Deixa o casaco aqui...

Ela tira o casaco. Está usando uma camiseta do OM por baixo. E parece estar grávida.

Alex – Bem... Não nos tinhas dito isso...

Bea – Que sou fã do Olímpico de Marselha?

Dani – Que está grávida!

Carla – Mas que maravilha!

Pat (*para Carla*) – Antes não era freira?

Carla – Ah sim, mas isso... foi antes. Quando eu ainda era um homem.

Dani – E quem é o pai?

Bea – Vão rir, mas... não faço ideia.

Dani – Dormiste com todo o time do Paris Saint-Germain de uma vez?

Bea – Sou virgem.

Todos riem.

Alex – Vamos, somos amigos, podes dizer-nos. Quem colocou o Menino Jesus no presépio?

Carla – Não foi o carteiro, certo?

Bea – Desculpem, tenho que ir ao banheiro... Sabem como é... Quando se está grávida...

Ela sai.

Alex – Incrível, Bea...

Pat – Estou curioso para saber como será o bebé.

Carla – E ainda assim, não conhecemos o pai...

O interfone toca.

Bea – Estamos esperando mais alguém?

Dani – Talvez seja o carteiro, justamente.

Carla – Para reconhecer o bebé..

Pat – A menos que sejam os Reis Magos.

Alex – É verdade, logo é Natal...

Carla vai abrir.

Carla – Não são os Reis Magos, são apenas dois...

Alpha e Omega chegam. Eles estão vestindo os mesmos trajes, mas colocaram uma camiseta do OM por cima. Eles parecem um pouco robóticos. Todos os olham com expressão intrigada. Omega também parece estar grávida.

Dani – Devem ser os lixeiros.

Alex – Vêm pelos calendários?

Bea retorna.

Alpha – Viemos para o jogo de volta.

Omega – Não estamos fora de jogo?

Todos os olham com expressão intrigada.

Apagão.

FIM

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Comédias para 2

A janela da frente
Cara ou coroa
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
Os Naufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue

Comédias para 3

Crash Zone
Cuidado frágil
Méngae à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
O amor é cego
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Quarentena
Quatro estrelas
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Flagrante delírio
Nochebuena en la comisaría
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Pronóstico Reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas

Comedias para 7 ou mais

A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Jogo de Escape
O Jackpot
O Sorteio do Presidente
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as feras...
Pré-histórias Grotescas
Réveillon na esquadra
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comedias de sainetes (sketches)

Breves do tempo perdido
Cenas de rua
Corações Abertos
Ela e Ele
Morrer de Rir

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediathèque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Junho de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-219-7

Documento para download gratuito